

A Hermenêutica e a Fenomenologia

Aplicabilidade em Psiquiatria

Beatriz Lourenço

Médica Interna de Psiquiatria – Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa

A Fenomenologia e a Hermenêutica do século XX - *Uma história comum.*

A Fenomenologia e a Hermenêutica, apesar de terem origens distintas, partilham uma abordagem compreensiva da realidade semelhante. Três autores marcam profundamente este percurso: Edmund Husserl, Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer.

A Fenomenologia é um movimento inaugurado por Husserl, no início do século XX, paralelamente a outras correntes neo-kantianas. Immanuel Kant, Georg Hegel ou Franz Brentano são importantes influências deste movimento, mas é Husserl que cunha o termo Fenomenologia como uma nova disciplina. Apesar de nunca se ter sedimentado num sistema, assumiu-se como uma maneira diferente e anti-tradicional de fazer filosofia, e é actualmente considerada como uma prática.

Husserl defendia a Fenomenologia como uma abordagem da consciência radicalmente diferente. Para ele, a prática fenomenológica pretendia atingir a verdade através da descrição dos fenómenos e da experiência nos seus conceitos essenciais e na forma como esta se apresenta ao indivíduo intuitivamente. A Fenomenologia pretendia elucidar a relação entre diferentes intencionalidades através da compreensão dos fenómenos do modo como estes se manifestavam na consciência.

Este tipo de Fenomenologia procura evitar as construções e imposições existentes à partida, aspirando à libertação de todo o tipo de preconceitos. Husserl, nos seus últimos trabalhos, defendia a suspensão da atitude natural (redução fenomenológica) como premissa necessário para atingir o estado de subjectividade transcendente pura. De certa forma, a Fenomenologia assumia-se como uma alternativa ao dualismo empírico-racional e como uma solução para ultrapassar a distinção sujeito-objecto.

A Fenomenologia foi sujeita a muitas críticas, tanto interna como externamente. Heidegger assumiu grande relevância ao rejeitar aspectos fundamentais da abordagem fenomenológica. Inspirando-se na Hermenêutica, tradicionalmente relacionada com a

interpretação de textos, e em autores como Heinrich Schleiermacher e Wilhelm Dilthey, Heidegger elabora uma crítica hermenêutica da Fenomenologia.

Heidegger lança nova luz sobre Aristóteles e a Metafísica ao desenvolver a sua obra em torno do conceito de *dasein* (estar-no-mundo). Este termo, já utilizado por Hegel, sublinha o envolvimento do ser-no-mundo, contrariando o modelo dicotómico sujeito-objecto, em que o sujeito se opõe com o mundo. O *dasein* não apela à uma dimensão física de presença, mas a uma capacidade de compreender e estar imerso no mundo, e logo ter uma relação simbólica e não meramente causal com as coisas. O mundo deixa de ser composto por entidades, passando a ser composto por significados.

Esta abordagem aproxima-se da Fenomenologia na tentativa de superar o dualismo sujeito-objecto. No entanto, Heidegger considera tarefa impossível apreender a existência humana directamente, pois o fenómeno distorce-se quando nos propomos a reflectir sobre ele. É uma ilusão considerar o sujeito capaz de se emancipar de todos os conditionalismos e descobrir verdades fundamentais. A compreensão é sempre uma interpretação e requer uma abordagem histórica, temporal e hermenêutica. O projecto de Husserl da pura descrição é impossível, se não situado numa hermenêutica radicalmente histórica. Desta forma, Heidegger questiona a viabilidade da redução fenomenológica, sustentando a existência de um ciclo hermenêutico: a interpretação não começa de um grau zero, pelo contrário, começa num movimento de antecipação próprio do ser, marcado por uma pré-compreensão do todo que permite a compreensão das partes e que leva ao sentido do todo. O círculo hermenêutico corresponde a uma estrutura existencial do ser-no-mundo. Um círculo vicioso no sentido lógico.

Heidegger estende a sua teoria da interpretação à cognição, influenciando a obra sobre as revoluções científicas de Thomas Kuhn. Segundo Kuhn, o conhecimento científico não se desenvolve na acumulação progressiva de informação, mas sim no estabelecimento de paradigmas que são sucessivamente alterados. O próprio avanço científico desenvolve-se num contexto normativo, que condiciona aquilo que é investigado, publicado e aceite pela comunidade. O círculo hermenêutico é indissociável do Homem no mundo e impossível de ultrapassar.

Gadamer, assistente de Heidegger, desenvolve ao logo da sua obra uma filosofia hermenêutica, com fortes bases numa perspectiva fenomenológica. Para este autor, existe

uma relação essencial entre a Fenomenologia e a Hermenêutica, pois ambas estão preocupadas em descrever o processo como ele emerge.

Um dos conceitos de relevo que Gadamer explora é a finitude do conhecimento. Esta finitude refere-se à impossibilidade de compreender as variáveis que influenciam a nossa própria compreensão. Gadamer pretende, assim, repensar o conceito de livre-agente na busca de conhecimento e explora os dois factores que julga desempenharem papéis fundamentais no condicionamento do conhecimento objectivo: a tradição e a linguagem. A tradição e a linguagem envolvem toda a vida consciente e possuem um carácter eminentemente fluido e dinâmico, impedindo-nos de identificar completamente a nossa dependência deles. A tradição estabelece o contexto normativo e define as perguntas relevantes e as respostas aceitáveis. A linguagem é o meio através do qual existimos e percebemos o mundo, só sendo possível a sua partilha intersubjectiva devido à articulação através de uma linguagem comum.

A História e a linguagem moldam o nosso comportamento, muito antes de nós sermos capazes de as moldar de volta. Estão embebidas em nós como preconceitos ou pré-julgamentos, isto é, conceitos prévios que estabelecem o nosso horizonte. A compreensão do mundo é essencialmente permitida e condicionada por estes pré-julgamentos. Gadamer, vê toda a compreensão desenrolar-se dentro de horizontes, não mutuamente exclusivos ou hermeticamente fechados, mas abertos e em contacto uns com os outros. Através da linguagem e de um diálogo genuíno, é possível atingir a verdade, a compreensão mútua e a *fusão de horizontes*. Gadamer, de forma sublime, ultrapassa a visão relativista de perspectivas auto-referenciais e inconciliáveis e estabelece um novo modelo de compreensão.

Para Gadamer, a arte é o exemplo perfeito. A arte é interpretativa, na medida em que apenas apresenta uma parte mas é apreendida como um todo. A arte é aquilo que é histórico e dinâmico, que transcende o seu aparato material e que existe na e pela interpretação. O *juízo do gosto* corresponde a um conjunto de normas implícitas e explícitas, às quais recorreremos quando não existem regras definidas a seguir. Quando intentamos um todo (que não é dado como todo) utilizamos um conjunto de regras que de certa forma não estão definidas pois são produzidas pela sua própria aplicação. O *juízo do gosto* está, obviamente, intimamente implicado na interpretação. O *juízo do gosto* é

um juízo interpretativo que se caracteriza não por um elevado grau de certeza, mas por um elevado grau de generalização e partilha.

A Psiquiatria e a Fenomenologia - A psicopatologia como fenómeno.

A Psiquiatria é uma especialidade médica particular. É certamente a área médica mais próxima das ciências sociais e humanas. Apesar da sua base epistemológica inserir-se num contexto científico, muitos dos seus modelos explicativos e abordagens compreensivas são, de certa maneira, suportadas por campos distintos como o da Psicologia, Antropologia, Sociologia ou Filosofia.

O diagnóstico em Psiquiatria é essencialmente clínico. Os meios complementares de diagnóstico são utilizados para a exclusão de patologia dita orgânica (não psiquiátrica), sendo o diagnóstico psiquiátrico realizado através da entrevista clínica. A entrevista clínica é o espaço onde a relação médico-doente se estabelece, permitindo a elaboração da anamnese e a exploração cuidadosa da psicopatologia.

A psicopatologia corresponde ao estudo sistemático das vivências, cognições e comportamentos que são produto de uma mente perturbada. Este termo evoluiu ao longo do tempo e actualmente é utilizado sob duas vertentes: a psicopatologia explicativa e a psicopatologia descritiva/compreensiva. A primeira é constituída por explicações baseadas em constructos teóricos (por exemplo, psicodinâmicos ou cognitivo-comportamentais), a segunda refere-se à descrição e categorização das manifestações psicopatológicas objectivas (sinais) e subjectivas (sintomas).

Embora este termo esteja presente desde os primórdios da História da Psiquiatria, a psicopatologia só alcançou uma razoável sistematização na primeira metade do século XX com Karl Jaspers e a sua obra *Psicopatologia Geral*, onde está patente grande influência de Husserl e do movimento fenomenológico, como também de Dilthey.

Tal como para Husserl, a fenomenologia de Jaspers assume-se como um método puramente descritivo e sem intenção explicativa. Mantém como necessária a rejeição dos preconceitos e pressupostos filosóficos, teóricos e religiosos que possam contaminar o processo psicopatológico, exigindo a redução fenomenológica ou a suspensão da atitude natural. No entanto, a fenomenologia de Jaspers não pretende contemplar a essência das

coisas. “Limitar, distinguir, e descrever determinados fenómenos experimentados e designá-los por termos precisos” é esse o seu objectivo. A psicopatologia assume-se assim como uma ciência semiológica, propedêutica e teórica.

Jaspers recorre aos conceitos de explicação e compreensão, já utilizados previamente por Dilthey, para ilustrar a distinção entre a causalidade orgânica e a motivação psicológica. A explicação permite uma abordagem da realidade clínica quantificável e baseada em relações de causa-efeito. A compreensão, por outro lado, dá-nos acesso aos fenómenos que resistem a nossa tentativa de quantificação, como as emoções e a experiência em geral. A totalidade da vida humana não é passível de ser objecto de investigação científica. O psiquiatra utiliza o método da compreensão, recorrendo à imaginação e empatia, para interpretar o sentido biográfico da doença e a forma como a psicopatologia surge no próprio indivíduo.

Um conceito central na obra de Jaspers, também de inspiração hermenêutica é o da incompreensibilidade, característica essencial de um delírio primário. Por delírio primário entende-se a alteração da forma ou conteúdo do pensamento que é impossível de articular com os fenómenos que o precederam, que aparenta uma inexistência de génese ou de qualquer entendimento dinâmico. A experiência do delírio verdadeiro não é passível de ser alcançada pelo interlocutor que é incapaz de conceber ou partilhar a experiência do paciente.

A obra de Jaspers lançou as fundações para a psicopatologia descritiva/compreensiva de hoje e, de certa forma, convidou a Psiquiatria ao diálogo com a Filosofia.

Fenomenologia, Hermenêutica e Psiquiatria - *Contributos possíveis*

A Fenomenológica na Psiquiatria, impulsionada pela obra de Karl Jaspers, contribuiu de forma ímpar para o desenvolvimento e sistematização da psicopatologia. De seguida, esboça-se uma breve crítica e avalia-se a capacidade de uma abordagem fenomenológica hermenêutica ser aplicável e útil à Psiquiatria.

A abordagem fenomenológica assume o projecto de estudar a experiência humana e os seus comportamentos sem considerações ou teorias à priori. O buscar das “coisas em si” evoca a tentativa de por de parte os preconceitos sobre a coisa, e procurar apreender o que

a coisa realmente é. Na psicopatologia, trata-se de captar a natureza da experiência antes de discutir o significado ou a definição. E apesar de poder garantir algum despreendimento para com a mentalidade comum, no momento da descrição psicopatológica, a possibilidade de empreender tal tarefa, mantém-se questionável.

A redução fenomenológica incorpora a subjectividade no seu método, deixando espaço para o espanto e curiosidade genuína perante a doença mental. Mas em nada garante isenção. A prática clínica em Psiquiatria, pelas suas particularidades e estado da arte, exige uma atitude reflexiva, crítica e consciente das suas limitações.

Além disso, a consciência da existência de um círculo hermenêutico e de julgamentos prévios, pode ser útil ao fornecer pistas válidas para a compreensão do doente. O psiquiatra holandês H.C. Rumke desenvolveu na década de 40 o conceito de *precox feeling* para designar o sentimento de desconforto (incompreensibilidade) transmitido por um doente esquizofrénico. Trata-se quase de uma emanção libertada pelo doente, antes mesmo de iniciar a entrevista clínica. Esta informação, de carácter intuitivo, pode desempenhar um papel importante no diagnóstico quando adequadamente filtrada e enquadrada nos restantes dados clínicos.

Outra questão de extrema relevância na Psiquiatria actual é a questão do diagnóstico. Existe escassa correlação entre os estados psíquicos e a sua base biológica e consequentemente dificuldade em estabelecer entidades clínico-patológicas inequivocamente. No entanto, a Saúde Mental moderna tem necessidade de definir explícita e universalmente as patologias, indo ao encontro da sua ontologia médica, de forma a promover a universalização da linguagem psiquiátrica e facilitar a investigação científica. Actualmente, os sistemas de classificação de doenças mentais organizam-se por síndromes, isto é conjuntos de sintomas empiricamente agrupados, que ao longo do tempo têm mostrado grande estabilidade.

Jaspers entendia a psicopatologia compreensiva como um projecto consciente das suas limitações, aberto, provisório e refutável. No entanto, a psicopatologia compreensiva dos dias de hoje assemelha-se a uma caricatura da ideia original, onde a exploração minuciosa dos sintomas da mente se transformou numa checklist. Estes sistemas classificatórios reificam categorias artificiais, não com base na exploração fenomenológica, mas na sua subsequente simplificação e deformação. O fenómeno é transformado no sintoma. O

fenómeno, que deriva da tentativa inicial de compreender a doença, torna-se a representação da própria doença.

Segundo Gadamer, a Psiquiatria como arte médica, “mal toca os limites da ciência e vive da sua indissolúvel relação com a *praxis*”. A Medicina em geral é muito mais do que uma simples técnica pois a sua prática exige mais do que conhecimentos teóricos, aproximando-se da Arte (“arte de curar”). A Psiquiatria é, sem sombra de dúvidas, a especialidade mais exigente na aplicação de uma dimensão humanista. Neste sentido, o conceito de *juízo do gosto* reveste-se de particular interesse. A doença mental tem um componente biológico e psicossocial e a sua definição tem de ter em conta invariavelmente o meio social, a cultura e todo o contexto onde se insere o indivíduo. A avaliação da adequação de comportamentos, isto é, da presença de doença ou não, em situações de fronteira (onde os critérios de diagnóstico se aplicam de forma dúbia) é complexa e tendencialmente subjectiva. O *juízo do gosto* é aquilo a que o psiquiatra recorre nestas situações em não existem regras aplicáveis, isto é, recorre ao seu bom senso para encontrar a verdade. O juízo do gosto, como uma faculdade que se adquire através da educação humanística, é algo profundamente importante na Medicina em geral e na Psiquiatria em particular.

A Fenomenologia e a Hermenêutica valorizam a compreensão dos fenómenos tal como eles surgem, e apesar de terem origens distintas, a sua história intersecta-se em autores como Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer. Historicamente, a Fenomenologia teve e tem grande influência na Psiquiatria, graças ao fundamental contributo de Karl Jaspers. A Hermenêutica nunca foi consistentemente trazida para a Psiquiatria, mas é possível desenvolver conceitos úteis para o enquadramento da doença mental e para a prática clínica desta especialidade.

Bibliografia:

- Verde, F. 2009 *Explicação e Hermenêutica*. Coimbra. Biblioteca Mínima.
- Moran, D. 2002 *Introduction to Phenomenology*. London. Routledge.
- Lafont, C. “Hermeneutics” in Dreyfus, H.; Wrathall, M. 2005 *A Companion to Heidegger*. Blackwell Publishing Ltd.
- Wachterhauser, B. “Getting it right: Relativism, Realism and Truth” in Dostal, R. (eds) *The Cambridge Companion to Gadamer*. 2002, New York.
- Lawn, C.; Keane, N. 2011 *The Gadamer Dictionary*, Continuum International Publishing Group.
- Gadamer, H.G. 1999 *Verdade e Método*. Petrópolis. Editora Vozes
- Gadamer, H.G. 2009 *O Mistério da Saúde – O Cuidado da Saúde e a Arte da Medicina*. Lisboa. Edições 70.
- Jasper, K. 1963 *General Psychopathology*. Manchester. Manchester University Press
- Jaspers, K. 1998 *O Médico na Era Técnica*. Lisboa. Edições 70.
- Dorr, O. “Hermeneutical and Dialectical Thinking in Psychiatry and the Contribution of Karl Jaspers” in Fuchs, T. *Karl Jaspers’ Philosophy and Psychopathology*. New York. Springer.
- Mullen, P. “A Modest Proposal for Another Phenomenological Approach to Psychopathology” in *Schizophrenia Bulletin* vol.33 no. 1 pp 113-121, 2007.